




NASCI NUMA VIAGEM,
NO BALAIO DAS ESTRELAS

Histórias
de mulheres
indígenas
no Vaupés

María Rossi Idárraga



eduerj



CAPES

María Rossi Idárraga

Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional – UFRJ, Brasil, com pós-doutorado na mesma instituição. Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade Autónoma de Madrid, e pela Universidade de Toulouse II. Graduada em Antropologia pela Universidade de Los Andes, Colômbia. Atualmente, é professora do Instituto Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Campus Benjamin Constant.

Como a identidade feminina é concebida e vivida por mulheres indígenas em uma situação de diversidade cultural e multilinguismo, em um contexto atual de intensas mudanças sociais, deslocamentos espaciais, conflitos armados e de luta por cidadania, direitos e reconhecimento? Este é o foco desta tese de doutorado em antropologia social defendida em 2016 e que agora felizmente se transforma em livro.

María Rossi Idárraga

Nasci numa viagem,
no balaio das estrelas:
histórias de mulheres indígenas no Vaupés



Rio de Janeiro
2024

Copyright © 2024, EdUERJ.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, em quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.



EdUERJ

Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel./Fax.: 55 (21) 2334-0720 / 2334-0721

www.eduerj.uerj.br

eduerj@uerj.br



Editor Executivo

Coordenadora Administrativa

Coordenadora Editorial

Assistente Editorial

Coordenador de Produção

Coordenador de Revisão

Assistente de Produção

Preparação de Originais

Revisão

Capa

Projeto Gráfico

Diagramação

Gustavo Bernardo Krause

Elisete Cantuária

Silvia Nóbrega de Almeida

Thiago Braz

Mauro Siqueira

Elmar Aquino

João Martorelli

Cecilia Mendes

Elmar Aquino

Nathália Teixeira

Liciane Corrêa | a_tcia

EdUERJ

Emilio Biscardi

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

- 118 Idárraga, María Rossi.
Nasci numa viagem, no balaio das estrelas : histórias de mulheres indígenas no Vaupés / María Rossi Idárraga. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 2024.
416 p.

ISBN 978-85-7511-637-1

1. Antropologia. 2. Mulheres indígenas. 3. História e antropologia. 4. Mulheres - História. 5. Indígenas da América do Sul. I. Título.

CDU 396 (8)

Bibliotecário: Raphael Vilas Boas CRB-7/7446

Sumário

Lista de ilustrações.....	13
Lista de abreviações e siglas.....	15
Agradecimentos.....	17
Nota sobre escrita e traduções.....	19
Introdução.....	23
1. Espaços, relações e contextos.....	33
1.1 Trânsitos da pesquisa até as trajetórias de mulheres.....	33
1.2 As mulheres e nossos encontros.....	39
1.3 Mítu, uma cidade com nome de pássaro.....	46
1.4 Vaupés: nome de um povo, de um rio, de um departamento e de um resguardo.....	55
1.5 Administração do grande resguardo Vaupés.....	64
2. Formas de ser estrangeira nas fronteiras.....	71
2.1 Antropólogos na história do Vaupés.....	71
2.2 Evangelização e economias de extração e violência.....	80
2.2.1 Disputas pela população indígena: entre missões e barracões.....	84
Aldeias de missão: 1850-1885.....	84
Os movimentos messiânicos.....	86
O primeiro ciclo de exploração de borracha: 1850-1920.....	87
Missões católicas no Vaupés na primeira metade do século XX.....	92
O segundo ciclo de exploração de borracha: 1935-1945.....	96
Várias igrejas na segunda metade do século XX.....	97
Como essas disputas pela população afetaram as relações de gênero?.....	99
2.2.2 Extração de coca e disputas pelo território.....	103

2.3 Vaupés na Colômbia: cosmopolita ou periférico?	111
2.3.1 Uma região colonizada por homens	116
3. Etnicidade, parentesco e autonomia	119
3.1 As mulheres nos estudos sobre a estrutura social no Vaupés	120
3.1.1 Descrições em termos de relações e sistema: a exogamia	120
3.1.2 Formas possíveis de casamento	127
3.1.3 Multilinguismo	131
3.1.4 Moradia ou descendência: várias malocas simultâneas	133
3.2 Diana Milena Guzmán Ocampo, Mirigõ	138
"Nós, as mulheres, vamos tomar de volta o Jurupari"	139
A vida em Bogotá e os primeiros questionamentos a sua identidade	140
Viagens durante a faculdade	143
Orlando e a volta para o Vaupés	144
Mais desafios da identidade no cotidiano	145
3.3 Edimilsa Lima Márquez	147
Moradia, família, trabalho	147
Suas comunidades: Puerto Colombia, no Tiquié, e La Libertad, em Mitu	150
Os percursos para estudar	152
Depois, foi morar com seu marido em La Libertad	155
"É de benzimentos que vive o indígena"	156
3.4 Celmira Giraldo	159
Arranjos familiares	160
"Minha mãe foi visitar seu avô e a entregaram para meu pai"	161
"Eu queria muito estudar"	163
"Comecei a trabalhar como promotora de saúde"	165
3.5 Lucía Rodríguez Villareal	168
"Numañi é uma mulher forte"	169
3.6 Marcela Buendia, identidade não é sinônimo de pertencimento	171
"Eu nasci numa viagem, no balaio das estrelas..."	171
"Primeiro, eu não queria casar"	173
"Fui morar um tempo na fronteira com Joaquín"	176
3.7 Rita López	178
Parentesco e hierarquia	178

3.8 Etnicidade e pertencimentos: nem estrangeiras nem ausentes.....	182
3.8.1 Identidades diferenciadas e repertórios comuns.....	183
3.8.2 Línguas como registros de identidades, relações e trajetórias.....	185
3.8.3 As diferenças de gênero para pensar mudanças nos contornos da etnicidade.....	187
4. Trânsitos, temporalidades e afetos na vida de Marcela Buendia.....	191
4.1 Por que histórias de mulheres para pensar sobre etnicidade na Amazônia?.....	192
4.1.1 Gênero e povos indígenas no Vaupés – alto rio Negro.....	193
Antagonismo sexual.....	194
O jurupari.....	196
As relações na cotidianidade.....	197
Diversificação de representações, atores e possibilidades.....	200
4.2 Encontros e espaços: a casa de Marcela.....	201
4.3 “Sempre fui muito andarilha”.....	203
“Cresci e virei mocinha”.....	206
“Primeiro eu não queria casar, mas acabei casada no alto Vaupés”.....	208
“Depois da morte do segundo filho, ele começou a me expulsar”.....	214
“Fui embora, descí o rio na Cubea até Mitu”.....	219
“Eu achava que Mitu ia ser bom”.....	220
“Fiz uma viagem para o alto Vaupés de novo”.....	232
“Desci o rio de novo”.....	235
“Fui trabalhar na estrada, em Yraraca, e comecei a morar com Joaquín”.....	236
“Depois de morar um tempo na fronteira, voltamos a morar perto de Mitu”.....	237
4.4 Trânsitos entre formas de se relacionar e se reconhecer.....	240
4.4.1 Que grupos são esses que fazem das mulheres estrangeiras?.....	244
4.4.2 Temporalidades e continuidades.....	253
5. Em diferentes ritmos, o medo e a ausência vão-se tornando cotidianos.....	257
5.1 Os tempos de medo.....	258
Marcela Buendia: tempos de amargura, medo e tristeza.....	259
Celmira Giraldo: imagens fixas, repetidas.....	278
Lucía Rodríguez: lembranças corporificadas.....	283

Ekanø: "estávamos em fogo cruzado".....	287
Irene e os riscos que se repetem.....	290
5.2 Recrutamento forçado de mulheres.....	298
Esperanza.....	299
Soledad.....	301
Mais uma vez, a dívida?.....	302
5.3 Permanência da ausência: como falar sobre os suicídios?.....	307
Dhujicho: permanência.....	308
Marina Galvis: entendimento e contágio.....	315
Estrella e a necessidade de proteção.....	318
Quem mais fala sobre suicídios no Vaupés?.....	320
5.4 Sobre dor, narrativa e intimidade.....	322
6. Íntimo e público: mulheres indígenas como sujeitos e como assuntos políticos.....	331
6.1 Educação religiosa e o início das organizações indígenas no Vaupés.....	333
6.1.1 Formação do Criva.....	333
6.1.2 Lucía Rodríguez: a formação e o trabalho com a igreja.....	335
"Eu cresci nos dois mundos".....	336
Os primeiros tempos do Criva.....	343
6.1.3 A trajetória de Rita López e a transição do Criva.....	346
6.2 Participação política depois do protagonismo e a crise do Criva.....	349
6.2.1 Trajetória de Clara Santacruz e participação em política eleitoral.....	349
6.2.2 Mudanças nos repertórios políticos e nos espaços domésticos.....	358
6.3 Histórias e princípios de duas organizações do resguardo Vaupés.....	366
6.3.1 Planos de vida e lugares das mulheres neles.....	368
6.4 As relações de gênero no repertório da política etnicamente diferenciada.....	370
6.4.1 Encontros de mulheres indígenas nas zonas de Ozcimi e Udic.....	370
Encontro de Mulheres em Tucandira, Ozcimi.....	371
Encontro de mulheres em Pituna, Udic.....	373
6.4.2 A etnicidade feminina como objeto de disputa política e ferramenta de negociação.....	376
6.5 Estados e organizações indígenas: comparações possíveis aos dois lados desta fronteira.....	379

7. A construção reiterada de enraizamento e reconhecimento	385
Lugares de enunciação.....	385
Interstícios vitais.....	387
Sobre etnografar, acolher e escrever sobre medo.....	390
Identidades e pertencimentos.....	390
Referências	405
Sobre a autora	415

Introdução

Este livro trata das formas como são construídas e experimentadas as relações de identificação, diferenciação e pertencimento a grupos, especificamente, a grupos entendidos com base em noções de identidade e diferença; quer dizer, pergunta-se como são vividas as fronteiras entre as identidades, fazendo-se uma análise a partir das formas de se relacionar e de se reconhecer, além das histórias de mulheres indígenas que moram no Vaupés, na Amazônia colombiana, partindo da premissa de que as relações de gênero são constitutivas da etnicidade. Desde esses pontos de partida, discute como se formam grupos étnicos e como se constroem e pensam essas mulheres com relação a eles.

Comecei atentando para as identidades étnicas na região do Vaupés e o alto rio Negro, na Amazônia colombiana e brasileira, plena de marcadores de etnicidade que foram amplamente estudados por antropólogos, e identifiquei que, de diversas formas, os limites dos grupos étnicos pareciam localizados nas mulheres, já que as formas de narrar e representar a etnicidade eram feitas em termos masculinos ou de posições masculinas. Surgiu o desafio de me aproximar das representações sobre a etnicidade desde os lugares das mulheres para ver como elas enunciavam as representações dos grupos e se havia ali diferenças substanciais. Mas a primeira e reiterada resposta que encontrei foi que elas operam com as mesmas noções de grupo, e não sugerem outras grandes representações de etnicidade nem de parentesco que questionem os grupos de descendência masculina que são sustento das divisões entre pertencimentos étnicos no Vaupés.

Vou apresentar esse cenário desde uma entrada particular: as especificidades das relações de gênero entre vários grupos na região, quer dizer, de modo geral e simplificando certos elementos. Os povos indígenas do Vaupés se relacionam entre si e com outros setores da população num complexo sociocultural no qual existem várias formas de criar e narrar coletivos e no qual as formas de se relacionar individualmente estão marcadas pelos lugares que se ocupa dentro desses

múltiplos coletivos que dão sentidos ao mundo. Dentro dessas diferentes coletividades, as mulheres indígenas ocupam posições diferentes das dos homens, e essa diferenciação está dada por vários elementos: um deles é que elas não transmitem o pertencimento às coletividades que operam a partir do núcleo familiar e que são identitárias: o grupo linguístico, a etnia, o clã, a especialização (por exemplo, famílias de dançadores), o conhecimento xamânico, a origem mítica. E, como elas não transmitem nem ensinam isso, seus filhos vão ser identificados como de outra etnia, outro clã, outra língua e outros saberes.

Outro elemento é que elas têm uma relação diferente com o território, ainda que seu lugar de origem, como membros de um povo, seja o mesmo que o dos homens, e, ainda que seu local de nascimento seja tão determinante na sua vida quanto para os homens, elas estão destinadas a ir embora. Não corresponde a elas conservar nem cuidar desses lugares, elas vão morar na terra de outros, com as famílias de outros, e cuidarão desses lugares alheios. Seus filhos farão parte desses outros grupos, e seu trabalho será para esses grupos.

Consequentemente, a identidade, o pertencimento e a convivência são diferentes. Para dar um exemplo, em um cenário como o descrito, uma mulher identificada como desana poderia casar com um homem wanano, morar na comunidade dele, criar lá filhos que serão wananos e ver crescer netos (filhos dos seus filhos homens). Ela não vai pertencer ao povo wanano, essa não vai ser sua comunidade. Ela nunca vai se identificar como wanana, continuará sendo sempre desana.

Além de um *corpus* mitológico parcialmente compartilhado por vários grupos da região e sobre o qual este livro não vai tratar, os elementos comuns nas descrições desses povos indígenas se referem às relações de casamento (exogâmico), transmissão da identidade (patrilinear) e moradia (patrilocal). Das articulações mais frequentes dessas definições, depreende-se que as mulheres estabelecem suas relações numa posição entre estrangeiras e ausentes com relação às pessoas significativas em suas vidas; e esse lugar tem uma marca de solidão.

Vale a pena destacar que as mulheres não narram outros grupos, narram outras formas de pertencer, outras formas de se relacionar e outras escalas de pertencimento. Essas descrições não são abstrações distantes do dia a dia no Vaupés, elas fazem referência a repertórios de práticas e narrativas que estão vigentes na região. As mulheres indígenas que conheci se identificam com esses repertórios, reivindicam seu lugar no mundo como membros de grupos assim definidos e dão um valor transcendental a isso em suas vidas.

Ao invés de pensar isso como uma contradição, o objetivo da pesquisa foi pensar a etnicidade como produto de relações complexas e composta de vários marcadores de diferenças, para, a partir daí, questionar as relações entre diferenças e geração de desigualdades. Interessa para esta pesquisa ver essa densidade das articulações não só como espaço de intersecções, mas, especialmente, como fruto de várias incompletudes. Para isso, examinei diferentes processos históricos e sociais que foram dando forma a esses marcadores e que estabelecem também as possibilidades de articulá-los tanto na cotidianidade quanto em espaços e momentos extraordinários ou emblemáticos.

Pensar etnicidade feminina como uma categoria, e não como a soma de dois marcadores (Suarez e Hernández, 2008), permitiu-me atentar para as representações desses grupos (como grupos exogâmicos que trocam mulheres), como enunciados feitos em um contexto mais amplo, e, assim, questionar como as várias relações de subordinação e desigualdade existentes nesse contexto maior dão sentidos concretos aos enunciados. Desde esse ponto, a pesquisa questiona as definições de grupos étnicos como masculinos, apontando para os traços de tensão, marginalidade e solidão obrigatória que trazem e salientando outras formas de construir, expressar e transmitir pertencimentos, etnicidade e reconhecimento. Sugiro que as mulheres constroem e procuram formas de acolhimento e reconhecimento, operando com um conjunto amplo e complexo de marcadores de identidade e diferenças, cujo lugar no mundo não depende da coerência possível de uma representação da identidade na qual se localizam, mas das articulações concretas, circunstanciais e necessariamente temporais de um conjunto de marcadores de identidade, desigualdades e diferenças, no qual se relacionam e vivem.

Sugiro que essas identidades não são sinônimo nem garantia de pertencimento, e que a gestão de articular esses marcadores com os quais as mulheres se identificam e são identificadas é um trabalho constante de construção de acolhimento e reconhecimento. Proponho que a gestão dessas articulações é feita na construção do cotidiano e nas suas rupturas, quer dizer, tanto onde esses marcadores não dão conta da experiência quanto no dia a dia, e que, nesses intervalos no espaço e no tempo, as mulheres constroem seu lugar no mundo e se enraízam nele. Em outras palavras, não é enunciando outras representações dos coletivos nem outras grandes narrativas da identidade; é posicionando-se cuidadosamente dentro de relações concretas, com as quais possam identificar-se não desde a solidão nem violentamente ou dolorosamente, nas quais possam habitar.

Como já foi mencionado, considero que o fato de essas categorias de formação de coletividades serem masculinas não deve ser entendido exclusivamente como um traço próprio e distintivo dos grupos locais, pois os processos de construção de nações, fronteiras, cidadãos cristãos e trabalhadores inseridos na economia mundial têm sido também marcados por práticas e representações de gênero que fortalecem essa masculinização da etnicidade.

Essas maneiras de formação de coletividades são relacionais, como são a maioria das pesquisas feitas com base na antropologia. Em consequência, as categorias analíticas que têm sido usadas para pensar e representar esses povos também acabam sendo genericadas e masculinizadas. Por isso, reconheço tais categorias como fundamentais, mas pretendo dialogar com elas a partir de contextos de enunciação concretos que permitam ver sua temporalidade e especificidade, mais do que sua coerência ou abrangência.

A noção de cotidiano que uso inspira-se no trabalho de Veena Das (2007) e na sua proposta do ordinário, em oposição ao extraordinário. Entendo o cotidiano como o modo de habitar o mundo, de construir e reconstruir as possibilidades da experiência e da vida nele. Quer dizer, o dia a dia, em sua duração, e não só como o espaço do conhecido, mas como o espaço no qual são construídas as possibilidades de sentido nas quais habitar o mundo, nas quais pertencer, ser reconhecido e ser acolhido. A intimidade no cotidiano se refere especificamente aos intervalos nos quais, diante das pausas, das suspensões ou dos interstícios das possibilidades de sentido, são construídas linguagens (e práticas) de possíveis entendimentos, que são possíveis enquanto são usadas.

A intimidade, neste livro, refere-se então aos modos de articular esses marcadores e às possibilidades de gestão do sentido e das identidades em termos relacionais. Mais do que apontar para o caráter privado, interior ou essencial, que poderia derivar-se da palavra, refiro-me ao seu caráter minucioso, profundo e visceral. Dito isso, a intimidade como categoria ocupa três dimensões na análise. Primeiro, refere-se às articulações com as quais a etnicidade é vivida e narrada pelas mulheres. Em segundo lugar, à densidade que tem nas suas vidas e relações. E, finalmente, ao caráter que tiveram as conversas e os encontros que fazem esta reflexão possível.

Foi preciso localizar a abordagem diante das marcas masculinas da etnicidade e dos coletivos; dar atenção para a cotidianidade e a intimidade, e conseguir aproximar-se dos lugares de enunciação das mulheres. Com isso em mente, foi necessário trabalhar desde o particular para dar conta do feminino. Metodologi-

camente, sigo a proposta de Lila Abu Lughod de fazer etnografias do particular, quer dizer, desde um nível concreto, evitando a generalização e suas consequências de homogeneidade, coerência e atemporalidade. Entendo sua proposta como um esforço por mostrar as “circunstâncias atuais e as histórias detalhadas dos indivíduos, ressaltando que as condições particulares são determinantes em cada caso”. Em virtude disso, a investigação se concentrou em mulheres concretas e suas relações variáveis, tentando explicar como procede a vida social com base nos seus argumentos, suas justificativas e as interpretações do que fazem e do que acontece em suas vidas (Abu-Lughod, 1991, p. 154).

Nem o particular nem as narrativas sobre a cultura estão dados. São produtos de construções concretas, feitas desde posições e lugares de enunciação específicos. Por isso, uma parte desta etnografia do particular traça o caminho que fez possíveis os espaços de comunicação por meio dos quais foi desenvolvida a pesquisa.

Fiz três viagens a Mitu entre 2013 e 2015, contando com auxílios de pesquisa do PPGAS-MN, nas duas primeiras. Visitei algumas comunidades ao redor da cidade, reativando amizades, contatos profissionais e visitando velhos conhecidos e fui concentrando os esforços nas conversas com as mulheres sobre suas próprias vidas, sempre em diálogo com os avanços progressivos da pesquisa, com minhas perguntas e com as sugestões que elas fizeram à pesquisa. Em decorrência disso, realizei também uma viagem a Berlim em 2014, com recursos próprios, para participar de uma oficina no Museu Etnológico com algumas das mulheres participantes na pesquisa.

Depreende-se disso que a maior parte do material de pesquisa é produto de tais conversas, que decidi abordar como narrativas, e não como histórias de vida, inspirada no trabalho de Allen Feldman (1991), que não considera as narrativas como expressando subjetividades localizadas por trás delas, mas como dando formas e lugares a fragmentos de experiências que precisam ser articuladas de modo maleável e cambiante nas vidas concretas das pessoas que falam. Entendo, então, as narrativas como parte de processos que vão além das construções individuais de si mesmo, mas que, necessariamente, dialogam com outras vozes e outros níveis de abrangência, e não pretendo fazer biografias nem construir interpretações dos sujeitos que pressuponham continuidade, linearidade ou coerência, mas tomo as narrativas como exercícios de memória e interpretação sobre si mesmas e suas relações a partir de momentos presentes e em diálogo comigo como pessoa que faz também parte dessas redes de relações nas quais elas vivem e são narradas.

- Soto, Álvaro. *Mitos de los cubeo*. Bogotá: Universidad de Los Andes, 1972.
- Souza, Maximiliano Loiola Ponte de e Ferreira, Luciane Ouriques. "Jurupari se suicidou? Notas para investigação do suicídio no contexto indígena". *Saúde Social*, v. 23, n. 3, p. 1.064-1.076, 2014.
- Suárez, Liliana. "Colonialismo, gobernabilidad y feminismos poscoloniales". In Suárez, Liliana e Hernández, Rosalva Aída (ed). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*. Madrid: Cátedra, 2008. p. 24-67.
- _____. e Hernández Rosalva Aída. "Introducción". In Suárez, Liliana e Hernández, Rosalva Aída (ed). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*. Madrid: Cátedra, 2008. p. 6-23.
- Taussig, Michael. *Chamanismo, colonialismo y el hombre salvaje: un estudio sobre el terror y la curación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2002.
- Teixeira, Carla Costa e Souza Lima, Antônio Carlos de. "A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão?". In Duarte, Luiz Fernando Dias e Martins, Carlos Benedito (coord.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 51-95.
- Tobón, Marco. "*La mejor arma es la palabra*": la gente de centro – kigipe urúki y el vivir y narrar el conflicto político armado. Medio río Caquetá – Araracuara 1998 – 2004 (Dissertação). Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia, Leticia, 2008.
- Trouillot, Michel-Rolph. "The anthropology of the state in the age of globalization: close encounters of the deceptive kind". *Current Anthropology*, v. 1, n. 42, p. 125-138, 2001.
- Unión de Indígenas Cubeo del Cuduyari. *Plan Integral de Vida Indígena del Pueblo Cubeo – Zonal Udic*. Mitu: Udic, 2009.
- Uribe, Carlos Alberto. "De la montaña a la selva y vuelta a la montaña: la etnografía de Gerardo Reichel-Dolmatoff sobre la Sierra Nevada de Santa Marta (Colombia)". Congreso Internacional de Americanistas, 54. Viena (Áustria), Simpósio 821 – Gerardo Reichel-Dolmatoff (Salzburgo, 1912 – Bogotá, 1994). *El legado de un americanista austro-colombiano*, 2012.
- Vera, Elizabeth. "Expedición de la UN evita catástrofe ambiental en Vaupés". *UN Periódico*, n. 128, 8 nov. 2009. Disponível em: <http://www.unperiodico.unal.edu.co/detail/article/expedicion-de-la-un-evita-catastrofe-ambiental-en-vaupes-1/>. Acesso em: 27 maio 2011.
- Weber, Max. "Burocracia". In Weber, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. p. 229-282.
- Wolf, Eric R. "Inventing Society". *American Ethnologist*, v. 15, n. 4, p. 752-761, 1988.
- Wright, Robin M. *History and religion of the baniwa peoples of the upper rio Negro*. University Microfilms International, 1981.
- _____. "História indígena do noroeste da Amazônia". In Carneiro da Cunha, Manuela (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; Fapesp, 1992.
- _____. *História indígena e do indigenismo no alto rio Negro*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

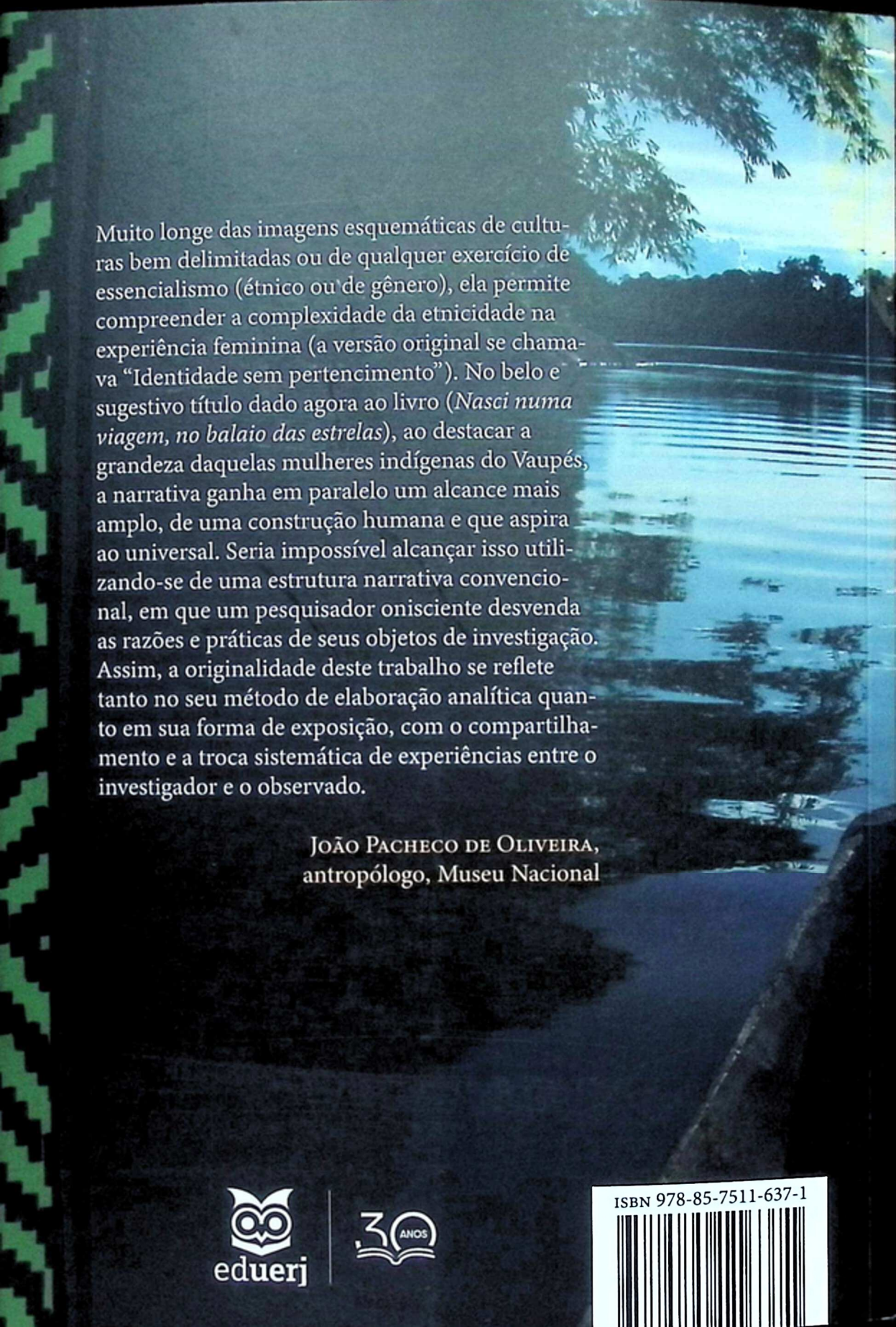
Formato 16 x 23

Tipologia: Garamond Premier Pro (texto)

Papel: Pólen 80 g/m² (miolo)

Supremo 250 g/m² (capa)

CTP, impressão e acabamento: Trio Gráfica Digital



Muito longe das imagens esquemáticas de culturas bem delimitadas ou de qualquer exercício de essencialismo (étnico ou de gênero), ela permite compreender a complexidade da etnicidade na experiência feminina (a versão original se chamava “Identidade sem pertencimento”). No belo e sugestivo título dado agora ao livro (*Nasci numa viagem, no balaio das estrelas*), ao destacar a grandeza daquelas mulheres indígenas do Vaupés, a narrativa ganha em paralelo um alcance mais amplo, de uma construção humana e que aspira ao universal. Seria impossível alcançar isso utilizando-se de uma estrutura narrativa convencional, em que um pesquisador onisciente desvenda as razões e práticas de seus objetos de investigação. Assim, a originalidade deste trabalho se reflete tanto no seu método de elaboração analítica quanto em sua forma de exposição, com o compartilhamento e a troca sistemática de experiências entre o investigador e o observado.

JOÃO PACHECO DE OLIVEIRA,
antropólogo, Museu Nacional



ISBN 978-85-7511-637-1

